

Trabalhar a história: o tempo de um mestre

Entrevista de Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011)*

To work the history: the time of a master
Interview with Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011)

Alberto da Costa e Silva

acostaesilva@uol.com.br

Membro

Academia Brasileira de Letras

Sócio titular

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Avenida Presidente Wilson, 203

20030-021 - Rio de Janeiro - RJ

Brasil

Tiago C. P. dos Reis Miranda

trmiranda@fcsh.unl.pt

Investigador integrado

Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores

Gabinete 2.19 - Edifício I&D - Avenida de Berna, 26-C

1069-061 - Lisboa

Portugal

14

Palavras-chave

Formação académica; Atividade cívica; Biografia.

Keywords

Academic education; Civic activity; Biography.

Recebido em: 4/12/2012

Autores convidados

* Já na fase de revisão deste texto, optou-se por seguir a ortografia mais adequada a cada interveniente. Convivem, assim, a variante brasileira e a variante portuguesa do Acordo Ortográfico de 1990, nas intervenções de ACS e TRM, respetivamente, e a norma ortográfica portuguesa de 1973, nas respostas de VMG, por respeito da forte oposição que sempre manifestou ao dito acordo.

Em meados de 2010, numa das reuniões do conselho editorial da *Revista de História da Biblioteca Nacional*, de que então fazia parte, comuniquei que me estava preparando para passar alguns dias em Lisboa. Luciano Figueiredo, que editava a *Revista* com entusiasmo e competência, sugeriu que se aproveitasse a minha viagem para uma entrevista com Vitorino Magalhães Godinho, com quem ele sabia que eu tinha velhas e boas relações. Prometeu-me, então, contatar o jovem historiador Tiago Miranda para ser meu parceiro e redigir a matéria.

Nos últimos anos, havíamos, Godinho e eu, trocado algumas cartas, mas não tinha o seu telefone. Apelei para o José Carlos de Vasconcelos, que se adiantou e procurou saber como ele reagiria à ideia de nos dar uma entrevista. Quando lhe telefonei, ele me atendeu com alegria, com o “sim” na ponta da língua, e lembrando que havia mais de 20 anos não nos víamos. Nossa camaradagem datava de 1961 ou 1962, quando fomos convocados, em Lisboa, por Augusto e João Sá da Costa para elaborar a edição em língua portuguesa da *Enciclopédia Internacional Focus*: ele era um dos diretores da obra, e eu, o coordenador da parte brasileira. Depois, a vida nos deu poucos encontros, mas neles se reforçou a minha admiração pela riqueza de sua pessoa.

Na tarde marcada, Tiago Miranda levou-me à casa de Godinho. Este não nos fez esperar. Embora suas pernas pedissem a ajuda de um andador, tinha o ar decidido de sempre e comandou o encontro. No início, falava baixo e devagar. À medida que a conversa se foi desenrolando, sua voz ganhou velocidade e volume. Parecia, em seu gosto de ser quem era, ignorar os estragos na saúde e os castigos da idade. Na sala muito clara, os papéis sobre a mesa indicavam que, para afastar de si as despedidas, continuava a trabalhar com afinco e a fazer planos para depois de amanhã. Não escondia que lhe dava prazer conversar conosco e que se divertia com a nossa surpresa, cada vez que se indignava. Terminada a entrevista, veio até a porta, afetuoso e risonho, dizer-nos adeus.

ACS

15

* * *

Vitorino Magalhães Godinho foi o historiador português que, no seu tempo, teve por certo a mais alargada projeção internacional. Depois de um brilhante início de carreira docente e do inevitável conflito com o Estado Novo, foi descobrir trabalho em Paris e passou a integrar o círculo de dinamizadores dos *Annales*. Voltando a Lisboa no fim da década de 50, tornou a encontrar um ambiente político e acadêmico pouco profícuo. Saiu, então, novamente, de Portugal, e assumiu um lugar de professor associado na Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Clermont-Ferrand. Aí se manteve até ao momento das grandes promessas do 25 de abril de 1974.

Boa parte dos anos que se seguiram, passou-os em atividades ligadas à renovação do ensino e da investigação científica. Foi ministro da Educação e Cultura (1974), professor catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1975-1988) e diretor da Biblioteca Nacional (1984). Sempre que pôde, participou nos mais importantes debates

cívicos e culturais do país e da Europa. Das distinções que conquistou, merece destaque o Prix International Balzan – Histoire (1991).

Em 1988, Fernando Tomaz preparou-lhe uma cuidada bibliografia, dividida em quatro secções: Teoria e Metodologia do Conhecimento; História; Pedagogia – Educação; e Política – Intervenção Cívica. Já nessa altura, entre artigos e livros, contavam-se, ao todo, cerca de 130 notáveis trabalhos, a que se juntavam resenhas, traduções, a coordenação de revistas, coleções e obras coletivas, colaborações em dicionários e enciclopédias, bem como largas dezenas de conferências, sessões de trabalho, palestras, cursos livres, comunicações em colóquios, congressos e outras sessões académicas.¹ Nos anos seguintes, publicaria igualmente reedições aumentadas de obras antigas e o resultado de várias novas pesquisas e inquietudes, que se estenderam quase desde os primeiros indícios da nacionalidade até aos dias de hoje.

Diversas foram, também, as entrevistas escritas na última fase da sua vida. Entre as mais relevantes, figuram a de 5, 12 e 19 de julho de 1988, ao *Jornal de Letras* (GODINHO 1989); de 10 de janeiro de 1989, a Jorge Pedreira e Margarida Marques (MARQUES; PEDREIRA 1989); de 7 de janeiro de 2004 e de 18 de junho de 2008, mais uma vez ao JL.

A conversa que aqui se apresenta realizou-se aos 20 de novembro de 2010, e acabou por ser a última do velho mestre. Um conjunto de extratos da primeira versão saiu publicado postumamente no *dossier* de homenagem que promoveu José Carlos de Vasconcelos (INÉDITO 2011). Poucas semanas depois, a *Revista de História da Biblioteca Nacional* deu a lume a matéria encomendada ao embaixador Alberto da Costa e Silva (COSTA E SILVA; MIRANDA 2011). Algumas passagens da transcrição foram excluídas e vários parágrafos, reformulados; tanto num caso, como no outro, por razões editoriais. A oportunidade de organizar este *dossier* de diálogos historiográficos luso-brasileiros permite agora uma segunda e definitiva versão.

Cabe dizer que a gravação daquela tarde de outono, à Estefânia, não decorreu nas melhores condições. E que foi extremamente difícil transpor para o papel os sons registados por um modesto aparelho analógico com microfone embutido. Algumas lacunas acabaram por ser, inclusive, praticamente impossíveis de colmatar. De qualquer forma, o texto que segue resulta de um longo processo, que procurou, sobretudo, assegurar a fidelidade ao intento e ao sentido das respostas do entrevistado. Eliminaram-se as pausas de hesitação, ideias não concluídas e três ou quatro perguntas ou comentários irrelevantes para a coerência do todo. Num ou noutro momento, houve também algum rearranjo na ordem da exposição, tentando garantir uma leitura mais linear. Mas, de um modo geral, pouco se alteraram as palavras que o gravador registou.

As notas de rodapé visam esclarecer meia dúzia de aspetos e identificar pontualmente as referências bibliográficas e pessoais. Muito embora possam, talvez, parecer excessivas, ficam como um estímulo adicional às novas gerações, para que de facto conheçam o pensamento e frequentem a obra de um dos mais ilustres oficiais da história de expressão portuguesa.

TRM

¹ Ver in MAGALHÃES; ALBUQUERQUE 1988, p. 17-41.

1. *Alberto da Costa e Silva: Como o senhor começou a se interessar pela história? E por que trocou a filosofia, principal interesse do início da sua vida académica, pelo estudo da história?*

Vitorino Magalhães Godinho: Quando eu ainda era garoto de instrução primária, havia em casa de meu pai a *História de Portugal* de Pinheiro Chagas, em oito volumes.² Eu entretinha-me a ler essa história, que está muito esquecida, mas que tem, apesar de tudo, muita informação que continua válida. E teve a capacidade de me despertar para esses problemas que só pela história conseguimos percinger. Depois, no liceu, graças ao facto de o fascismo ainda não ter moldado inteiramente a forma de ensino, tive professores de grande valor, essencialmente ligados ao grupo da Seara Nova. Um deles, que não era pessoa de grande cultura, mas era homem de bom senso e sabia distinguir o essencial, pôs de parte os compêndios escolares e disse-nos "Leiam Guizot! Leiam a *História da civilização na Europa*, que está traduzida pelo marquês de Sousa Holstein!".³ Isso abriu o meu caminho. Aos 15 anos, já frequentava a Seara Nova. Conhecia, lia e conversava com Antonio Sérgio, com Bento de Jesus Caraça,⁴ com Azevedo Gomes⁵... toda uma elite. Já estava à sombra de Jaime Cortesão,⁶ e, portanto, também, do historiador. Todo esse ambiente foi-se "firmando", pelo facto de, na minha família, especialmente do lado Barbosa Magalhães,⁷ haver uma esplêndida biblioteca de livros franceses e em outras línguas, perfeitamente acessíveis. Meu tio⁸ pediu-me inclusive para ser uma espécie de bibliotecário...

17

2. *ACS: Isso é uma coisa extraordinária!*

VMG: Pelos meus 16 anos, estava decidido a ser engenheiro, mas reflecti que a profissão de professor seria muito importante para ajudar a transformar a Humanidade. Um mito de jovem... Mas julgo que é útil que a juventude tenha mitos! Decidi-me a seguir o curso de História e Filosofia, graças à influência desse notável Newton de Macedo,⁹ que foi quem introduziu a psicologia científica em Portugal. Seguidamente, tive também como professor Delfim Santos,¹⁰ reconhecido filósofo. Assim, tive sempre um pé na filosofia e outro na história. A minha tese de licenciatura foi uma tese de filosofia do conhecimento, ligada à lógica matemática, à lógica moderna. Mas chama-se *Razão e história*.¹¹ E teve, na altura, um certo impacto. Porque a actividade cultural sob o salazarismo não era muito acarinhada...

² A *História de Portugal* de Manuel Pinheiro Chagas foi ideada a partir de um plano de Ferdinand Denis, e teve uma primeira edição em 8 volumes publicada em Lisboa, na Typographia Franco-Portuguesa, a partir de 1867. Mais tarde, houve várias outras edições em 12 e 14 volumes, sendo que a da Empresa da História de Portugal, entre 1899 e 1909, foi continuada por Marques Gomes, Alfredo Gallis e José Barbosa Colen.

³ François Guizot (1787-1874). Cf. GUIZOT 1875. A *História da civilização na Europa* teve depois, pelo menos, uma segunda edição portuguesa, em 1907 (Coleção António Maria Pereira, n.ºs 62-63).

⁴ Bento de Jesus Caraça (1901-1948).

⁵ Mário de Azevedo Gomes (1885-1965).

⁶ Jaime Zuzarte Cortesão (1884-1960).

⁷ Referência à casa da família materna, do avô José Maria Barbosa de Magalhães.

⁸ José Maria de Vilhena Barbosa de Magalhães (1879-1959), filho do anterior.

⁹ Francisco Romano Newton de Macedo (1894-1944).

¹⁰ Delfim Pinto dos Santos (1907-1966).

¹¹ Publicada com o subtítulo "Introdução a um problema" (GODINHO 1940).

3. ACS: *O senhor falou em Jaime Cortesão. Eu trabalhei com Jaime Cortesão na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Foi o homem mais "príncipe" que eu conheci na vida. Vou dizer mais: foi o homem mais bonito que eu conheci na vida! [risos] O que é que o senhor achava do Jaime Cortesão?*

VMG: Achava uma personalidade invulgar, de facto: que se impunha, com uma extraordinária capacidade de compreensão e de abertura. Por vezes, entusiasmante; de certas ideias um pouco para além daquilo que a documentação permitia concluir... Uma personalidade cívica que se impôs. Que foi fundamental no meio português. No meu caso, tive uma decisiva influência de Jaime Cortesão, mas também de Duarte Leite.¹²

4. ACS: *Duarte Leite foi muito importante para o senhor.*

VMG: Para mim, são eles os autores das duas obras-chave da cultura portuguesa do século XX. A partir da conjugação do rigor do Duarte Leite e da capacidade de ilustração, de compreensão global, de Jaime Cortesão, é que se formou a minha personalidade. Tudo isso é interessante, estando eu a trabalhar em lógica moderna, na lógica matemática, como aliás estava Óscar Lopes na lógica linguística;¹³ e assim caldearam-se essas influências. Acontece também que, por acaso, tive acesso a obras históricas de uma importância enorme. Era a guerra: 1940. Raros livros chegavam a Portugal. Raros livros circulavam pela Europa. E, no entanto, nas livrarias havia alguns que apareciam. Apareceu *O capital* de Marx, em inglês. O facto de ser em inglês foi muito importante: como a censura felizmente era estúpida e inculta, não sabia inglês. [risos] E não a riscaram. Riscaram pelo bom espanhol, e não em francês [sic].¹⁴ Apareceu-me também uma obra de Lucien Febvre,¹⁵ *Problème de l'incroyance au XVI^e siècle* (1942), que foi para mim uma grande descoberta. E na Biblioteca Nacional de Lisboa tive a sorte de encontrar uma colecção dos *Annales. Economie, Société et Civilization*.¹⁶ Ninguém a consultava... [risos] De modo que eu tive-a para mim e pude lê-la...

5. ACS: *Teve a coleção como se fosse sua!*

VMG: ... como se fosse minha! Como vê, há um caldear das duas disciplinas: da história e da filosofia. Eu continuo a pensar que a história é uma ciência, ou uma actividade cientificamente conduzida, mas que tem todo o interesse em ser

¹² Duarte Leite Pereira da Silva (1864-1950).

¹³ Óscar Luso de Freitas Lopes (1917-). Autor, entre muitos outros, de *Lógica gramatical e lógica simbólica* (LOPES 1958).

¹⁴ Há aqui uma incongruência que não foi possível resolver. A biblioteca particular de Vitorino Magalhães Godinho, doada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, ainda não está disponível para consulta. E os discípulos que noutras vezes também escutaram esta história não se lembram agora se o exemplar que escapou à censura estava de facto em inglês ou em francês. Talvez mais tarde se consiga uma resposta.

¹⁵ Lucien Paul Victor Febvre (1878-1856).

¹⁶ A revista teve vários nomes, consecutivos: *Annales d'histoire économique et sociale* (1929-1937); *Annales d'histoire sociale* (1939-1941); *Mélanges d'histoire sociale* (1942-1944); *Annales d'histoire sociale* (1945), e *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations* (1946-1993). Desde então, chama-se *Annales. Histoire, Sciences Sociales*.

completada por uma reflexão filosófica, pelo conjunto das ciências humanas. Não a metafísica, que, aliás, agora, está outra vez na moda, graças à física moderna e às tentativas de conciliação da física com o *Génesis*, que é uma metafísica, enfim, de qualidade muito discutível... Mas a reflexão filosófica esclarece-nos, orienta-nos, dá o sentido profundo das coisas. De modo que mesmo o segundo volume dos meus *Ensaio*s tem uma larga parte que é filosófica (GODINHO 2009). Ainda no que toca à minha formação, não posso esquecer que tive a sorte de não ser *persona grata* do ilustre chefe Salazar.¹⁷ E “tive a sorte” porque fui demitido. Encontrei-me em grandes dificuldades económicas, que a convivência francesa resolveu... Porque fui para França, trabalhar no CNRS,¹⁸ sob a direcção de Lucien Febvre, directamente, com Braudel,¹⁹ com Marcel Bataillon,²⁰ com sociólogos como Georges Gurvicht,²¹ com economistas... etc. E essa “Escola de Altos Estudos” era pluridisciplinar. Tive também, inclusive, professores não franceses, como Radcliffe-Brown.²² Uma sorte, que penso que única, de abertura, em todos os sentidos.

6. ACS: Bem diferente do ambiente que havia em Portugal.

VMG: Foi a minha sorte. Devo dizer-lhe que estou muito grato a Salazar por me ter obrigado a emigrar. Claro que lá trabalhei para o custeio geral possível, obtive o meu doutoramento e, portanto, o direito de ser professor de universidades francesas, o que assustou aqui o ditadorzeco de Santa Comba, que mandou um professor convidar-me a vir para Portugal.²³ Vim sem ilusões, e tentei uma primeira experiência no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina [*sic*].²⁴ Mais tarde, voltei a sair do país e trabalhei como professor da Universidade de Clermont-Ferrand. Com o 25 de Abril houve uma hesitação, que eu não escondo, entre a França e Portugal. Problemas familiares convenceram-me, mais do que outros, a ficar em Portugal, onde tentei fazer alguma coisa de análogo ao que havia em Paris, na École des Hautes Etudes. E estávamos em bom caminho... E como estávamos em bom caminho, um governo dito já democrático, que tanto serve para a cultura como os governos salazaristas, acabou com a experiência e voltou a um sistema de faculdade tradicional, com os seus departamentos.²⁵ Consegui que o meu departamento, apesar de tudo, pequenino, fosse pluridisciplinar. Tínhamos lá a geografia, tínhamos a sociologia, tínhamos a economia, tínhamos a estatística... e a matemática. Tínhamos a história. E, essencialmente, a economia e sociologia histórica, como grande coluna vertebral dessa organização. Eu consegui reunir um grupo de jovens de excepcional qualidade, que julgo que marcam a cultura portuguesa e a nossa historiografia e ciências sociais, como é o caso do Romero

¹⁷ António de Oliveira Salazar (1889-1970).

¹⁸ Centre National de la Recherche Scientifique.

¹⁹ Ferdinand Braudel (1902-1985).

²⁰ Marcel Bataillon (1895-1977).

²¹ Georges Gurvicht (1894-1965).

²² Alfred Radcliffe-Brown (1881-1955).

²³ O nome omitido é o de Adriano José Alves Moreira (1922-).

²⁴ Na altura, Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (ISEU).

²⁵ Referência à intervenção de Mário Augusto Sottomayor Leal Cardia (1941-2006), ministro da Educação e Investigação Científica do I Governo Constitucional (1976-1978).

Magalhães,²⁶ do David Justino,²⁷ entre outros: Francisco Bethencourt,²⁸ que está na Inglaterra, etc. Essa experiência foi extremamente gratificante pelo que se conseguiu fazer; extremamente decepcionante pela incompreensão que encontrou da parte do meio académico. É preciso não esquecermos que, quando analisamos o Português historicamente, vemos que ele é alguém que quer mudar, para ficar tudo na mesma²⁹...

7. ACS: Professor: estamos comemorando os 100 anos da República portuguesa. Seu pai foi eminente prócere republicano. Como é que o senhor se sentiu ao escrever-lhe a biografia (GODINHO 2005)?

VMG: Eu escrevi essa biografia por várias razões. Uma delas é que fiquei na posse de um espólio precioso: a documentação do meu pai, não só política, de durante a guerra; fiquei, por exemplo, com os boletins secretos do Serviço de Informações do Corpo Expedicionário Português, e essas fontes são perfeitamente inacessíveis à maioria das pessoas. Mas fiquei não só com o espólio do meu pai, como com o do meu tio Maia Magalhães³⁰ e o do meu tio Barbosa de Magalhães. Uma documentação riquíssima. Pensei que depositá-la na Biblioteca Nacional seria o aconselhável. Mas como poderia ficar lá enterrada, era necessário utilizá-la para abordar problemas que estavam muito mal estudados.³¹ Porque a República foi objecto de muitas discussões, de conferências de propaganda, mas de análise rigorosa extremamente fraca. Tirado o livro do Oliveira Marques³² e as coisas do David Ferreira, que, pode-se dizer, era um *romance*³³ em grande medida mal orquestrado (FERREIRA 1973).³⁴ Ora, pela tradição familiar, vivia-se muito em casa dos meus pais esse ambiente republicano do meio político-cultural salazarista. Meu pai tinha sido perseguido pela PIDE³⁵ várias vezes. Mas eu lembro-me de que havia um ambiente republicano e um ideal não apenas de mudança do regime, nem, principalmente, mudança de regime, mas, sobretudo, de uma transformação do país: que o modernizasse; que o fizesse entrar no concerto das nações modernas e com os valores que a modernidade trouxe: da democracia, da cidadania, do desenvolvimento económico, etc. Ora, havia, portanto, a vida do meu pai, que era um exemplo de cidadania. De cidadania ímpolita: de alguém que soube, não só na sua profissão, mas também na sua actuação política, seguir uma linha rígida, que era a dos valores com os quais tinha militado na Assembleia;³⁶ com os quais tinha militado em França. Meu pai foi adido militar em Paris depois da guerra, e a família viveu quatro anos em Paris. A minha primeira estadia em França, tinha eu cinco anos de idade...

²⁶ Joaquim Antero Romero Magalhães (1942-).

²⁷ José David Gomes Justino (1953-).

²⁸ Francisco Tristão Bethencourt Conceição Rodrigues (1955-).

²⁹ Reelaboração da célebre frase de Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1896-1957): "Bisogna cambiare tutto per non cambiare nulla".

³⁰ Manuel Firmino de Almeida Maia Magalhães (1881-1932), tio materno de Vitorino Magalhães Godinho.

³¹ Todos esses espólios acabaram por ser integrados na BNP (Esp. E 47, N 72 e E 29), sendo facultados à consulta dos investigadores.

³² António Henrique Rodrigo de Oliveira Marques (1933-2007), que, a bom rigor, escreveu mais de um livro sobre o assunto. Vitorino Magalhães Godinho devia querer referir-se a *A Primeira República Portuguesa*.

³³ Pronunciado à francesa.

³⁴ David Ferreira (1897-1989).

³⁵ Polícia Internacional de Defesa do Estado (1945-1969), depois transformada em Direcção-Geral de Segurança (DGS) (1969-1974).

³⁶ Referência ao facto de Vitorino Henriques Godinho ter sido deputado à Assembleia da República desde a Constituinte (1911).

8. ACS: *O senhor escreveu essa biografia emocionado ou crítico? Escreveu do ponto de vista do puro historiador ou também do filho?*

VMG: Não sei; não sei... Mas as informações que me chegaram, mesmo de colegas estrangeiros, foi que, realmente, aquilo que seria a maior qualidade do livro é que não se percebia que era o filho que o tinha escrito.

9. *Tiago C. P. dos Reis Miranda: Como historiador, como foi enfrentar esse desafio de escrever uma história de "uma personagem"? Como foi relacionar um percurso individual com quadros conjunturais e estruturais, mais abrangentes?*

VMG: Teve o fascínio de uma aventura! Eu sempre realizei, em geral, uma investigação histórica sobretudo estrutural e dinâmica – da sociedade, do conjunto –, embora não me possam acusar de ter esquecido das personalidades quando tratei dos Descobrimentos... Havia sempre esse sentido de que a história é um constante diálogo entre as personagens e as estruturas existentes. E que temos de abarcar umas e outras. Mesmo sobre o infante D. Henrique, julgo que trouxe elementos para a sua biografia, independentemente do seu papel dentro do que foram os Descobrimentos.³⁷ Havia a compreensão clara, e havia a indicação de Lucien Febvre – que, para mim, veja bem, é fundamental –, em que ele dizia que o problema fundamental da história era o da inserção da personalidade no devir histórico.³⁸

10. ACS: *Aliás, professor, lendo a sua grande obra, que é Os Descobrimentos e a Economia Mundial,³⁹ nota-se que o senhor trata dos assuntos sob vários enfoques. O senhor se situa, muitas vezes, da perspectiva do Terreiro do Paço, outra vez de Goa, outra vez da Fortaleza de São Jorge da Mina, e muitas vezes do próprio barco comerciante que está nas costas africanas ou nas costas asiáticas. Esta multiplicidade de vistas, como o senhor a conseguiu? Ela é magistral, no sentido de que nos permite ver o mundo de vários locais distintos.*

VMG: Vem, talvez, de uma abertura de espírito, que resultou de todos esses ambientes que eu tentei traçar, um bocado sumariamente. De facto, o convívio com Lucien Febvre, com Bataillon e outros abria-me uma série de enfoques possíveis, de modo a não ficar prisioneiro de uma receita. Um grande problema para o historiador, quando eu comecei a estudar, e para o historiador hoje, é estar prisioneiro de certos constrangimentos, certas coisas que limitavam o campo da profissão. Não é só a tendência, entre nós, para não considerar as ciências sociais. Quando eu comecei, a sociologia não era ensinada em Portugal. O primeiro curso de sociologia leccionado em Portugal foi feito por mim em 1970. Aliás, vai ser agora publicado (GODINHO 2011). Portanto, havia aqui umas reticências... Reticências que tiveram de ser ultrapassadas. Mas desviei-me um pouco da sua

³⁷ Ver, sobretudo, GODINHO 2008.

³⁸ Ver, a este propósito, FEBVRE 1928; 2011; 1944.

³⁹ *L'économie de l'empire portugais – XVème - XVIème siècles*, de 1969, com edição definitiva em português nos anos 80 (GODINHO 1981-1983).

pergunta [dirigindo-se a TRM]... Eu aprendi a analisar problemas com pessoas que tinham muitos pontos de vista diferentes e que discutiam civilizadamente. E esse ponto julgo que é muito importante: porque tive sempre o horror daquilo que hoje os portugueses tanto utilizam, que é a polémica. Eu sou absolutamente contrário à polémica, porque é a morte da discussão científica. Não digo que a pluralidade de pontos de vista seja o reconhecimento das nossas limitações; pelo contrário: acho que é um meio de superá-las. Parece-me, de facto, absolutamente fundamental ver os vários aspectos, de origens diversas, que convergem para uma explicação. É claro que escrever uma biografia não é o mesmo que escrever um livro sobre a história dos preços.⁴⁰ E foi nesse sentido que eu disse que “foi uma aventura” ou, como se diz agora, um desafio, escrever sobre o meu pai. Porque biografia... até onde?... Até onde temos nós o direito de “entrar” na personalidade dos outros? Esse problema, julgo que é fundamental. Tentar saber algo da vida íntima das pessoas não é saber a sua posição ideológica, a sua sensibilidade ou as suas tendências, a sua posição perante os acontecimentos. E isto é o que importa. Eu sistematicamente exclui o aspecto da vida em família. Mas a biografia depende, apesar disso tudo, do homem; do homem de carne e osso: atento, completo, sobretudo. Evidentemente, através dos vários contextos sociais em que ele se foi empenhando. Procurar encontrar o fio entre as suas condutas, o sistema ideológico que o orienta. E, através dele, compreender a evolução de Portugal. Porque tive a pretensão de, numa biografia, fazer uma história da República.

22

11. ACS: *Quais as grandes linhas, para o senhor, do século XX: esse século de que o senhor foi testemunha?*

VMG: Como é que eu definiria o século XX?... Bom, o Hobsbawm⁴¹ definiu-o como “o século dos extremos” (HOBSBAWM 1994). Eu diria, por um lado, a quem está a viver já um mundo diferente do século XX, que nessa altura nos sentíamos mais seguros. A vida quotidiana não tinha este trepidar que hoje tem, nem esta inquietação, nem este “estar sempre de atalaia”, que nos obriga a vida actual.

12. TRM: *E, no entanto, John Kenneth Galbraith, que escreveu um livro sobre a economia mundial desde meados do século XIX até ao terceiro quartel do século XX, chamou a esse período “a era da incerteza” (GALBRAITH 1977). Quer dizer que nós estamos a viver em tempos cada vez mais incertos?*

VMG: ... É claro que, pesando e “lendo” as guerras que houve, todas as convulsões sociais, políticas e outras, vemos que foi um século de extrema violência, sob certos aspectos... E, no entanto, da minha vida no século XX, eu não retenho a violência. Não me recordo da violência. É qualquer coisa que eu sei que é importante, mas no quotidiano, não. Ao passo que, hoje, o quotidiano de uma grande cidade tornou-se insuportável: nós saímos à porta e somos atacados!... Esse ambiente não existia:

⁴⁰ Recorde-se, por exemplo, GODINHO 1955a.

⁴¹ Eric John Ernest Hobsbawm (1917-2012).

não existia, em Portugal. Mas, enfim: foi um século paradoxal. Que começou com um conflito extremamente grave, um conflito que acabou com ilusões de uma sociedade que estava com a esperança de ser rica, mas com uma insuficiente realização em igualdade política e social; uma sociedade que tinha a ideia de ser possível um homem "novo", um homem diferente; uma sociedade que criava as oportunidades para ele se realizar plenamente. E, ao mesmo tempo, a impulsão de guerra... desencadeada pelos movimentos fascistas: regimes ditatoriais burocratizantes, que por completo condenavam esses ideais com que os homens se tinham comprometido. Nesse aspecto, foi um século contraditório. Até porque foi um século de ilusões extremas. Eu diria, enfim, parafraseando Hobsbawm, ilusões extremas porque, de facto, lembro-me, jovem, de idear um mundo novo, que vinha com um homem diferente, em que os conflitos seriam sanados: onde haveria a possibilidade de uma existência digna para todas as pessoas. E, depois, a evolução vai criando realidades novas... Os regimes fascistas são realidades novas, mas que têm um tipo de ideal diferente: um ideal de massas, de submissão, de violência, de preconceito racista, etc., que, de facto, destrói por completo essa ilusão de um "homem novo", que tivemos. E, no entanto, vários desses movimentos são feitos em nome de uma transformação do homem, como se fossem grandes ideais. Simplesmente, nós hoje temos informação suficiente para ver que, depois da era do totalitarismo triunfante, nós, em Portugal, não tínhamos a noção de que se passava por isso. Podíamos surpreender-nos com um ou outro aspecto, mas julgávamos que havia algo na sociedade, e, portanto, que havia um esforço de melhoria, de transformação, de abertura... que não existia! Todos caíram nessa ilusão da transformação...

23

13. ACS: Mas não foram só os portugueses. Foram todos: os franceses, os brasileiros, os americanos, os ingleses...

VMG: Pois... O mundo como eu o vivi, que é esse, é um caso espantoso de psicologia colectiva. Como é que o mundo, como é que largos milhões se deixaram viver na ilusão?... Hoje confrontamo-nos com a realidade, que foi hedionda. Basta ver imagens da altura... dos judeus... e desses selvagens⁴²... e dos regimes comunistas... para ver o que é que foi de macabro!... E, entretanto, André Malraux,⁴³ em 1926, tinha escrito o quanto selvagem sempre seria a transformação⁴⁴...

14: ACS: Professor: durante muito tempo o senhor teve como principal foco de sua atividade de historiador os séculos XV, XVI e XVII. Recentemente, o senhor escreveu um livro magistral, Portugal: a emergência de uma nação (GODINHO 2004). O que fez o senhor voltar para os séculos anteriores aos Descobrimentos? Qual foi o seu aguilhão?

VMG: Esse foi um livro que me deu prazer escrever. Que se integra numa reflexão mais ampla, sobre o meu país. O que é o meu país?... Como é que nasceu?

⁴² Palavra pronunciada de forma particularmente expressiva, para qualificar os nazis.

⁴³ André Malraux (1901-1976).

⁴⁴ Referência a MALRAUX 1926.

Como é que se formou? É importantíssimo respondermos a essas perguntas para compreendermos aquilo que somos. E também por uma necessidade de fazer um tipo de história que seja diferente das discussões académicas, muito ociosas, em que andam baralhados os problemas da origem de Portugal. O Herculano⁴⁵ teve de se desfazer dos mitos, das lendas, das abordagens simplistas, para tentar compreender o que é uma nação. Porque esse é hoje um grande problema para os políticos e os académicos, com essa organização burocrática da Europa. Os estadistas tiveram o cuidado meticuloso de destruir tudo aquilo que era ideal. No seu lugar, valorizam o quê?... Os mangas-de-alpaca. As coisas sem relevo. Meras cópias... Ora, hoje, Bruxelas quer mandar ver o orçamento do país antes de o próprio país se debruçar para aprovar esse orçamento. E quer determinar até o tamanho do carapau!... [risos] Os burocratas que estão à mesa, e lá à secretária em Bruxelas, são altas competências no tamanho do carapau!... [risos]

15. ACS: *Então, o senhor escreveu o livro para se vingar desses burocratas!*

VMG: É... [ri] Mas, hoje, fez-se um Tratado de Lisboa,⁴⁶ que é um horror!... Não, não há uma linha de rumo. Não há uma construção que obedeça a ideias claras e que tenha garantias, possibilidades para a acção eficiente.

16. ACS: *Por isso o senhor voltou ao século XIV?*

24

VMG: Voltei, para saber o que é uma nação. Porque eu acho que, hoje, temos que fazer uma Europa onde a nação não desapareça. O primeiro artigo de uma constituição europeia deve ser "que a União Europeia é um conjunto de nações-estados que partilham a sua soberania com um sistema de instituições comum". E isso para mim é que é o fundamental. Não podemos abdicar do que é nacional. Não podemos "pôr para as velharias" o chamado "amor da pátria". Porque o amor da terra, o amor da pátria, a delimitação dos poderes da nação, tudo isso é extremamente importante e é um legado fundamental para a organização das sociedades modernas. Não é possível organizá-las uniformemente... A estupidez mais absurda, que é a dos dirigentes da Europa, da União Europeia, e que leva a que se aplique a países com tradições tão diferentes, na economia, nos costumes, na língua, em tudo, como sejam a Letónia, a Estónia, Portugal, França, Inglaterra, etc, que se aplique a todos as mesmas receitas económicas, aprendidas num manual americano, que se vende, enfim, em larga escala, para ganhar dinheiro, e que é feito por um desses economistas mercenários que agora ajudam a governar o mundo!...

17. TRM: *Essa nação de que o senhor se ocupa nasce voltada, pouco depois, para a expansão. E vem a ser marcada, em boa medida, por esse movimento. Como é que esse Portugal de raízes ultramarinas consegue conviver com a Europa de hoje?*

⁴⁵ Alexandre Herculano (1810-1877). Para compreender um pouco melhor esta alusão, ver PIRES; SANTANA; GODINHO; DIAS 2010.

⁴⁶ Tratado subscrito em Lisboa por todos os membros da União Europeia, aos 13 de dezembro de 2007.

VMG: Portugal consegue conviver com a Europa porque tem havido uma obra de destruição cultural e de destruição económica sistemática, o que permite que a burocracia de Bruxelas e, por seu intermédio, as grandes potências, mandem em tudo. Em tudo quanto se passa. Em Portugal, hoje, fala-se pouco já dos descobrimentos. Mas não era por falar dos descobrimentos que nós, no fundo, estávamos enriquecidos, "irrigados", por isso. Porque se tinha tornado numa retórica... E retórica não leva a lado nenhum. Ora, hoje, ao invés dessa retórica, há uns "farrapos", que esvoaçam, às vezes, para fazer a propaganda de certas políticas. A política económica do governo pretende retomar o grande *élan* descobridor do século XVI! "Vamos para 'a inovação'!"... Descobriu-se a palavra "inovação"!... A descoberta da palavra inovação permite hoje fazer 99% das frases. Não há uma frase em que não haja "inovação". E por quê?... Porque um economista de grande valor, Schumpeter⁴⁷, criou uma teoria dos processos económicos em que se considera que as crises resultam da acumulação de inovações, invenções que são processadas industrialmente, que levam à morte do aparelho e do tecido industrial existente e à sua substituição por outro, novo. Isto, que é uma teoria explicativa, passou para...

18. ACS: *Normativa!...*

VMG: [acedendo]... para os políticos, para os economistas, entre os quais não sei quais são os mais ignorantes [risos], passou como se fosse uma norma. E, então, o que é preciso é "inovação". Seja no que for. O menino não vai à escola, porque é preciso é "inovação". A moeda faz ioiô? É preciso "inovação". Enfim: isto tudo esboroa, enfim, o significado da teoria de Schumpeter, por um lado, e também aquilo que pode ser uma herança cultural. Como, por exemplo, os Descobrimentos. Hoje, temos dificuldade em pensar. A nossa ciência está num estado de grande debilidade. Como se fosse a náutica astronómica do tempo das grandes navegações. A náutica astronómica era uma técnica, não era uma ciência. Ela utilizava a cosmogonia aristotélico-ptomolomaica, e não a copernicana sequer. A astronomia moderna não estava contida na náutica astronómica. Esse foi um dos problemas dos portugueses: é que criaram uma técnica, mas não souberam criar a ciência.

19. ACS: *Professor: no seu livro Mito e Mercadoria (GODINHO 1990), em última análise, o senhor faz uma história das inovações em Portugal.*

VMG: Sim.

20. ACS: *Não é uma contradição com o que o senhor acabou de dizer, em torno dos maus usos da teoria de Schumpeter?*

VMG: Não! Pelo contrário. A ideia de inovação introduzi-a eu na leitura da história dos Descobrimentos: generalizei a teoria do Schumpeter, desde o

⁴⁷ Joseph Alois Schumpeter (1883-1950).

século XV para cá. Eram elementos explicativos. Mas não o fiz com a intenção de ditar uma orientação económica para o futuro. Não podemos “orientar” a nossa economia no sentido da inovação. Pode ser mais útil não inovar do que inovar. Essa ideia, hoje, é tão frágil... Estamos numa crise total, que nenhum economista previu, nenhum político previu. E, modestamente, sem ninguém dar por isso – embora o escrevesse em vários pontos –, eu previ. E fui indicando como ia evoluindo.⁴⁸ E estou a indicar que estamos outra vez em em recessão, e não fora dela, como julgam. Isso implica, de facto, ser capaz de compreender novos estados do que se está a processar. Neste caso, é a crise. E a crise veio então levar ao que chamam eufemisticamente “mudança de paradigma” [risos]. Há, assim, umas palavras ou frases-chave muito impressionantes...

21. ACS: ... *que servem para tudo.*

VMG: Servem! São rabos de ciência.

22. ACS: *Professor: vou mudar um pouco de assunto. O senhor publicou “O ‘Mediterrâneo’ saariano e as caravanas do ouro” em São Paulo (GODINHO 1955b; 1955c; 1956).⁴⁹ O senhor tem, no Brasil, um grande número de leitores, e até de discípulos, entre os quais o Carlos Guilherme Mota,⁵⁰ por exemplo, que é nosso amigo comum. Como foram as suas relações com a academia brasileira?*

26

VMG: É curioso, mas a minha vida orientou-se pouco em relação ao Brasil. Talvez, também, porque eu fui ao Brasil porque estava em França. De Portugal, ir ao Brasil não era fácil. Curiosamente, embora tivesse boas relações com os historiadores brasileiros, não tive nenhum convite especial para ir – para fazer um curso em São Paulo, no Rio ou no Recife.

23. ACS: *Apesar dos amigos que o senhor lá tinha e dos leitores fervorosos.*

VMG: Apesar disso. É algo de um pouco estranho, não é?...

24. ACS: *Acho que ficaram com medo do senhor!* [risos]

VMG: Não... Mas, pensando retrospectivamente, tenho uma certa pena.

25. ACS: *Nós também.*

⁴⁸ Ver, por exemplo, GODINHO 2007.

⁴⁹ Editado em forma de livro na “Coleção da *Revista de História*”, com o n.º VIII, em 1956. Os outros artigos publicados por Vitorino Magalhães Godinho na *Revista de História* da USP foram: A economia das Canárias nos séculos XIV e XV, n.º 10, a. III, 1952, p. 311-348; Fontes quatrocentistas para a geografia e economia do Sáara e Guiné, n.º 13, a. IV, 1953, p. 47-65; Portugal, as frotas do açúcar e as frotas do ouro (1670-1770), n.º 15, a. IV, 1953, p. 69-88; A historiografia portuguesa: orientações – problemas – perspectivas, n.º 21-22, a. VI, 1955, p. 3-21, e Os painéis de Nuno Gonçalves. Caminhos de pesquisa e hipóteses de trabalho, n.º 37, a. X, 1959, p. 149-154.

⁵⁰ Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota (1941-). O seu *Atitudes de Inovação no Brasil (1789-1801)* foi incluído na coleção “Os Nossos Problemas. Para a História de Portugal e do Brasil”, dirigida por Vitorino Magalhães Godinho.

VMG: Pois sim...

26. *TRM: Pode dizer-se que o senhor foi ao Brasil, mais especialmente a São Paulo, quase como um francês.*

VMG: Sim, fui na missão universitária francesa.⁵¹ Eramos três professores: o Pierre Monbeig,⁵² Maurice Lombard⁵³ e eu.

27. *TRM: Como o senhor acha que a historiografia portuguesa está a conviver com a historiografia brasileira, nos últimos tempos? O senhor deve ir acompanhando o aumento das missões de estudo, dos trabalhos conjuntos... O que lhe parece esse movimento?*

VMG: Bom, é verdade que recebo semanalmente, pelo correio, pacotes da Academia Brasileira de Letras... [risos]

28. *ACS: [irónico] Nós nos transformamos em grandes produtores de livros!... [risos] Mas o senhor é membro da Academia! Tem direito a receber tudo isso.*

VMG: Tenho direito, mas confesso que já não tenho espaço... [risos]

29. *ACS: Eu tampouco; eu tampouco... Somos dois. O senhor seleciona o que lhe interessa para ler.*

VMG: Bem... Tenho contacto com o Brasil por intermédio sobretudo do Carlos Guilherme. Mas também por ligação directa com Minas Gerais, com São Paulo, Rio, etc. Com várias pessoas. Inclusive eles estiveram em Paris, num seminário que foi consagrado à minha obra (LE PORTUGAL 2005)⁵⁴... Ali, naquela prateleira, está a *História do Brasil* que eles agora publicaram – o Carlos Guilherme e a mulher dele (LOPEZ; MOTA 2010).

30. *ACS: Nos últimos cinco, dez anos, Professor, tem havido algo que não havia no passado: uma troca mais fecunda de experiências e de informações entre historiadores brasileiros e portugueses. Sobretudo dos mais jovens. Eles trocam cópias de documentos. Muitas vezes nem é preciso viajar. Viajar custa muito caro...*

VMG: Pois; pois é. Mas é um prazer que se perde, essa viagem... Nós, agora, viajamos virtualmente...

31. *ACS: Mas não é a mesma coisa...*

⁵¹ Missão de 1954 à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

⁵² Pierre Monbeig (1908-1987).

⁵³ Maurice Lombard (1904-1965).

⁵⁴ Ocorrido em Paris entre os dias 12 e 13 de dezembro de 2003.

VMG: [irónico] A China?... Vai-se à Internet, e “Olha a China!”. Não se vai à China. Eu digo até que, hoje, os miúdos, para estudar em Portugal, já não vão para a rua com uma mala: sentam-se à secretária com um computador.

32. ACS: *Exato, exato...*

VMG: Vivemos num mundo virtual.

33. TRM: *Para essas novas gerações de historiadores, quais seriam os conselhos que o senhor deixaria? Sobretudo para quem esteja a começar, quais os seus conselhos?*

VMG: Eu penso que é fundamental uma boa bibliografia. E, nesse aspecto, não ter receio de estar “desactualizado”. Não é o mais recente que é necessariamente melhor. É fundamentalmente o que se fez nos anos 60, 70: esse período deixou obras que são inultrapassáveis, em boa medida, pelo seu carácter interdisciplinar. Ao mesmo tempo, julgo muito importante que se aprendam as regras do ofício: a boa erudição. Hoje, é-se um bocado leviano no que diz respeito à erudição. [irónico] Normas de publicação?!... Mais ou menos, não é?... Quando há que haver um respeito criterioso! Eu costumo dizer que as palavras são como monumentos para o historiador. Temos de as utilizar e ser capazes de as respeitar e de as compreender. Para isso, temos de saber determinar se há uma certa evolução, se não há um autor... enfim: fazer as operações históricas necessárias para determinar com rigor aquilo em que estamos de facto a basear-nos. Porque há uma certa ligeireza na maneira de aduzir textos de autores de várias épocas – como a seu tempo criticou Herculano – para provar isto, aquilo e aquilo outro, e que muitas vezes até nem sequer têm ligação com o texto ou com aquilo que se está de facto a estudar. Essa erudição implica ver como eram os trabalhos desenvolvidos outrora, como eram as grandes colecções documentais feitas com rigor, com cuidado; saber ir ao documento, saber lê-lo, com a ideia de que não vamos encontrar no documento a solução, nem um problema formulado. Nós é que temos de raciocinar, com toda a nossa bagagem cultural e pluralidade de pontos de vista. Nós é que vamos “construir” a nossa fonte histórica. E, através dessa fonte, formular questões bem formuladas... Não esquecer, portanto, essa base erudita. Ter essa formação geral, com as obras mestras da historiografia, sem receio de estar “desactualizado” e, ao mesmo tempo, estar alerta para os problemas do nosso tempo. Marc Bloch dava esse conselho, e eu também o dou.⁵⁵ Nós vivemos num determinado tempo e temos de enfrentar os seus problemas: perceber que isso faz parte da nossa formação para apreendermos o passado. Aliás, em relação à actualidade [dirige-se a ACS], eu vou-lhe oferecer uma coisa⁵⁶...

34. ACS: *Obrigado, Senhor Professor... Ah!, esse eu não conheço.*

⁵⁵ “[...] L’incompréhension du présent naît fatalement de l’ignorance du passé. Mais il n’est peut-être pas moins vain de s’épuiser à comprendre le passé, si l’on ne sait rien du présent [...]” (BLOCH 2006, p. 879).

⁵⁶ Saca de um exemplar de *Os problemas de Portugal: os problemas da Europa* (GODINHO 2010).

VMG: A única obra de intervenção que saiu em que se discutem sistematicamente os problemas que se põem a Portugal e à Europa!

35. ACS: *Obrigadíssimo, Professor. O que é que o Senhor está escrevendo agora?*

VMG: Neste momento estou em trabalho de revisão de provas, porque vai ser publicada uma nova edição dos *Documentos para a História dos Descobrimentos Portugueses*.

36. ACS: *Está esgotada há anos!*

VMG – Há sessenta anos que está esgotada (GODINHO [1943]-1956).

37. ACS: *E continua "base".*

VMG: Eram três volumes. Sai agora em dois. Já vi que está pronto o primeiro e tenho ali em cima o segundo: aquele monte de provas para ver. Uma boa semana de trabalho pela frente.⁵⁷

38. ACS: *E nós viemos interromper!...*

VMG: Não; nada, nada, nada... Nós não podemos estar encafuados, monasticamente... [risos].

29

Lisboa, 20 de novembro de 2010.

Referências bibliográficas

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. Apologie pour l'histoire ou métier d'historien. In: _____. **L'Histoire, la guerre, la résistance**. Manchecourt: Gallimard, 2006.

FEBVRE, Lucien. **Un destin, Martin Luther**. Paris: Riede, 1928.

_____. **Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle**. La religion de Rabelais. Paris: Albin Michel, 1942.

_____. **Autour de l'Heptaméron**: amour sacrée, amour profane. Paris: Les Éditions Gallimard, 1944.

_____. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Martinho Lutero, um destino**. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2011.

⁵⁷ A segunda edição, "correcta e acrescentada", saiu, de facto, em 2 volumes, pela Imprensa Nacional e Casa da Moeda, em 2011.

- FERREIRA, David. **História política da Primeira República**. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.
- GALBRAITH, John Kenneth. **The Age of Uncertainty**. Boston: Houghton Mifflin, 1977.
- _____. **A Era da incerteza: história das ideias económicas e suas consequências**. 2.^a ed. rev. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1978.
- GODINHO, Vitorino Magalhães. **Razão e História: introdução a um problema**. Lisboa: s.n. [Imprensa Vitória], 1940.
- _____. **Documentos sobre a Expansão Portuguesa**. 3 Volumes. Lisboa: Gleba, Cosmos, [1943]-1956.
- _____. **Prix et monnaies au Portugal 1750-1850**. Paris: Librairie Armand Colin, 1955a.
- _____. O "Mediterrâneo" saariano e as caravanas do ouro, **Revista de História - USP**, n.º 23, a. VI, 1955b, p. 74-134.
- _____. O "Mediterrâneo" saariano e as caravanas de ouro (II) , **Revista de História - USP**, n.º 24, a. VI, 1955c, p. 307-353.
- _____. O "Mediterrâneo" saariano e as caravanas do ouro (conclusão), **Revista de História - USP**, n.º 25, a. VII, 1956, p. 59-107.
- _____. **L'économie de l'empire portugais – XV^{ème} - XVI^{ème} siècle**. Paris: SEVPEN, 1969.
- _____. **Os descobrimentos e a economia mundial**. 2.^a ed. correcta e ampliada. 4 Volumes. Lisboa: Presença, 1981-1983.
- _____. **Do ofício e da cidadania: combates por uma civilização da dignidade**. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1989, p. 9-102.
- _____. **Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar: séculos XIII-XVIII**. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. **Portugal: a emergência de uma nação (das raízes a 1480)**. Lisboa: Edições Colibri; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2004.
- _____. **Vitorino Henriques Godinho: pátria e república**. Lisboa: Assembleia da República; Dom Quixote, 2005.
- _____. **A Europa como projecto**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- _____. **A expansão Quatrocentista portuguesa**. 2.^a ed. Lisboa: Dom Quixote, 2008.
- _____. **Ensaio e estudos: compreender o mundo de hoje**. Ed. revista e ampliada. 2 Volumes. Lisboa: Sá da Costa, 2009.
- _____. **Os problemas de Portugal: os problemas da Europa**. Ed. revista e ampliada. Lisboa: Edições Colibri, 2010.
- _____. **Problematizar a sociedade**. Lisboa: Quetzal, 2011.

- GUIZOT, François. **História da Civilização na Europa**. Trad. de Souza Holstein. 2 Volumes. Lisboa: Livraria A. M. Pereira, 1875.
- HOBBSAWM, Eric. **The Age of extremes: the short twentieth century, 1914-1991**. London: Michael Joseph, 1994.
- _____. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1944].
- INÉDITO. **A última entrevista**. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1059, 4 a 13 de maio de 2011, p. 30-31.
- LE PORTUGAL et le Monde. Lectures de l'oeuvre de Vitorino Magalhães Godinho. **Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian**. Vol. L. Lisboa, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- LOPES, Óscar Luso de Freitas. **Lógica gramatical e lógica simbólica**. Aveiro: A Lusitânia, 1958.
- LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. **História do Brasil, uma interpretação**. São Paulo: Senac, 2010.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero; ALBUQUERQUE, Luís de. **Estudos e ensaios em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1988.
- MALRAUX, André. **La tentation de l'Occident**. Paris: B. Grasset, 1926.
- _____. **A tentação do Ocidente**. Lisboa: Livros do Brasil, 1959.
- MARQUES, Margarida; PEDREIRA, Jorge. Problemas da institucionalização e do desenvolvimento das ciências sociais e humanas em Portugal. Entrevista com o Prof. Doutor Vitorino Magalhães Godinho, **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, n.º 3, 1989, p. 13-48.
- PIRES, António M. B. Machado; SANTANA, Maria Helena; GODINHO Vitorino Magalhães; DIAS, Eurico Gomes (orgs.). **Alexandre Herculano: antologia**. 2 Volumes. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.
- SILVA, Alberto da Costa e; MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. Vitorino Magalhães Godinho: a última batalha, **Revista de História da Biblioteca Nacional**, n.º 69, junho de 2011, p. 48-53.